

A afilhada de Nossa Senhora

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

À beira de uma grande floresta vivia um lenhador com sua mulher. Tinham uma única criança, uma menina de três anos. Mas eram tão pobres que já não tinham o pão de cada dia e não sabiam o que lhe dar de comer. Certa manhã, o lenhador saiu cheio de preocupações para trabalhar na floresta e, enquanto cortava lenha, uma bela mulher alta apareceu de repente diante dele. Trazia na cabeça uma coroa de estrelas luminosas e lhe disse: “Sou a Virgem Maria, a mãe do Menino Jesus. Você é pobre e necessitado; traga-me sua filha. Vou levá-la comigo, ser sua mãe e cuidar dela.” O lenhador obedeceu, foi buscar a filha e a entregou à Virgem Maria, que a levou consigo para o céu. Lá a menina vivia bem: comia pão doce, bebia leite doce, usava roupas de ouro e brincava com os anjinhos. Quando completou catorze anos, a Virgem Maria a chamou e disse: “Querida criança, vou fazer uma longa viagem. Fique com as chaves das treze portas do reino dos céus. Você pode abrir doze delas e contemplar as maravilhas que há dentro; mas a décima terceira, à qual pertence esta chave pequena, lhe é proibida. Cuide de não abri-la, ou será infeliz.” A menina prometeu obedecer e, quando a Virgem Maria partiu, começou a visitar as moradas do reino dos céus: abria uma por dia, até percorrer as doze. Em cada uma estava sentado um apóstolo, cercado de grande esplendor. Ela se alegrava com toda aquela magnificência e glória, e os anjinhos, que sempre a acompanhavam, alegravam-se com ela. Só restava a porta proibida. Então sentiu uma enorme vontade de saber o que se escondia atrás dela e disse aos anjinhos: “Não vou abri-la inteiramente, nem entrar. Só vou destrancá-la para olharmos um pouco pela fresta.” “Ah, não!”, disseram os

anjinhos. “Isso seria pecado. A Virgem Maria proibiu, e pode muito bem ser a sua desgraça.” A menina ficou calada, mas o desejo em seu coração não se calava: roía e bicava lá dentro e não lhe dava sossego. Quando, certa vez, os anjinhos haviam saído todos, pensou: “Agora estou sozinha e poderia espiar lá dentro. Se eu fizer isso, ninguém vai saber.” Procurou a chave e, quando a teve na mão, também a enfiou na fechadura; depois de enfiá-la, também a girou. A porta se abriu de repente, e ela viu a Trindade ali sentada, em meio a fogo e esplendor. Ficou por um instante contemplando tudo, espantada; depois tocou de leve o esplendor com um dedo, e o dedo ficou inteiramente dourado. Logo sentiu um medo terrível, bateu a porta com força e saiu correndo. O medo não queria mais deixá-la, por mais que tentasse fazer alguma coisa, e o coração batia sem parar, sem conseguir se aquietar. O ouro também continuava no dedo e não saía, por mais que ela lavasse e esfregasse.

Não demorou muito, e a Virgem Maria voltou da viagem. Chamou a menina e pediu de volta as chaves do céu. Quando ela lhe entregou o molho, a Virgem a olhou nos olhos e perguntou: “Você não abriu a décima terceira porta, abriu?” “Não”, respondeu ela. Então Maria pôs a mão sobre o coração da menina, sentiu como batia e batia e percebeu que ela havia desobedecido à sua ordem e destrancado a porta. Perguntou mais uma vez: “Tem certeza de que não fez isso?” “Não”, disse a menina pela segunda vez. Então Maria viu o dedo que havia ficado dourado ao tocar o fogo celeste, soube que ela havia pecado e perguntou pela terceira vez: “Você não fez isso?” “Não”, disse a menina pela terceira vez. Então a Virgem Maria declarou: “Você me desobedeceu e ainda mentiu. Já não é digna de estar no céu.”

A menina caiu num sono profundo e, quando acordou, estava embaixo, na terra, no meio de um lugar deserto. Quis gritar, mas não conseguia emitir som algum. Saltou de pé e quis fugir; porém, para onde quer que se voltasse, era detida por cercas cerradas de espinhos que não conseguia atravessar.

Naquele ermo em que estava encerrada havia uma árvore velha e oca, que teria de ser sua moradia. Ao anoitecer, ela se arrastava para dentro e dormia ali; quando havia tempestade e chuva, encontrava abrigo. Mas era uma vida miserável e, quando pensava em como tudo fora belo no céu, onde os anjos brincavam com ela, chorava amargamente. Raízes e bagas silvestres eram seu único alimento; ela as procurava até onde podia chegar. No outono, recolhia as nozes e as folhas caídas e as levava para a cavidade. As nozes eram sua comida no inverno e, quando vinham neve e gelo, enfiava-se nas folhas como um pobre bichinho, para não congelar. Não demorou para suas roupas se rasgarem e lhe caírem do corpo, pedaço por pedaço. Assim que o sol voltava a aquecer, ela saía e se sentava diante da árvore, e seus cabelos compridos a cobriam de todos os lados como um manto. Assim passou um ano após outro, sentindo o sofrimento e a miséria do mundo.

Certa vez, quando as árvores tornavam a se cobrir de folhas verdes, o rei daquele país caçava na floresta e perseguia um corço. Como o animal fugira para o matagal que cercava a clareira, o rei apeou, afastou a vegetação e abriu caminho com a espada. Quando finalmente conseguiu passar, viu debaixo da árvore uma moça lindíssima, sentada e coberta pelos cabelos dourados até as pontas dos pés. Parou e a contemplou cheio de espanto; depois se dirigiu a ela: “Quem é você? Por que está sentada aqui neste ermo?” Mas ela não respondeu, pois não conseguia abrir a boca. O rei continuou: “Quer ir comigo para meu castelo?” Ela apenas fez um leve aceno com a cabeça. O rei a tomou nos braços, levou-a para seu cavalo e voltou com ela para casa. Ao chegar ao castelo real, mandou que lhe vestissem belas roupas e lhe deu tudo em abundância. Embora não pudesse falar, ela era tão bela e encantadora que ele a amou de todo o coração; não demorou muito, e casou-se com ela.

Cerca de um ano depois, a rainha deu à luz um menino. Naquela noite, quando estava sozinha na cama, a Virgem Maria lhe apareceu e disse: “Se

quiser dizer a verdade e confessar que destrancou a porta proibida, abrirei sua boca e lhe devolverei a fala. Mas, se persistir no pecado e negar obstinadamente, levarei comigo seu filho recém-nascido.” Então foi permitido à rainha responder, mas ela continuou obstinada e disse: “Não, eu não abri a porta proibida.” A Virgem Maria tomou o recém-nascido de seus braços e desapareceu com ele. Na manhã seguinte, como não encontravam a criança, correu entre as pessoas o rumor de que a rainha comia gente e havia matado o próprio filho. Ela ouvia tudo e não podia dizer nada em sua defesa, mas o rei não quis acreditar, porque a amava muito.

Um ano depois, a rainha deu à luz outro menino. Durante a noite, a Virgem Maria voltou a entrar em seu quarto e disse: “Se confessar que abriu a porta proibida, devolverei seu filho e soltarei sua língua. Mas, se persistir no pecado e negar, levarei comigo também este recém-nascido.” A rainha respondeu outra vez: “Não, eu não abri a porta proibida.” A Virgem tomou a criança de seus braços e a levou consigo para o céu. Pela manhã, quando a criança havia novamente desaparecido, as pessoas diziam em voz alta que a rainha a tinha devorado, e os conselheiros do rei exigiam que ela fosse julgada. Mas o rei a amava tanto que não quis acreditar e proibiu os conselheiros de voltar a falar do assunto, sob pena de castigos corporais e de morte.

No ano seguinte, a rainha deu à luz uma linda menina. Durante a noite, a Virgem Maria lhe apareceu pela terceira vez e disse: “Siga-me.” Tomou-a pela mão, conduziu-a ao céu e lhe mostrou os dois filhos mais velhos, que sorriam para ela e brincavam com o globo terrestre. Vendo a alegria da rainha, a Virgem Maria disse: “Seu coração ainda não se abrandou? Se admitir que abriu a porta proibida, devolverei seus dois filhinhos.” Mas a rainha respondeu pela terceira vez: “Não, eu não abri a porta proibida.” Então a Virgem a fez descer de novo à terra e também lhe tomou a terceira criança.

Na manhã seguinte, quando aquilo se tornou conhecido, todos gritavam: “A rainha come gente! Ela precisa ser condenada!” E o rei já não pôde se opor aos conselheiros. Houve um julgamento e, como ela não podia responder nem se defender, foi condenada a morrer na fogueira. Reuniram a lenha e, quando ela já estava amarrada a um poste e o fogo começava a arder ao redor, o gelo duro de seu orgulho derreteu, e o arrependimento tocou seu coração. Pensou: “Se ao menos eu ainda pudesse confessar antes de morrer que abri a porta!” Então a voz lhe voltou, e ela exclamou alto: “Sim, Maria, eu fiz isso!” Imediatamente o céu começou a chover e apagou as chamas. Uma luz surgiu acima dela, e a Virgem Maria desceu com os dois meninos a seu lado e a menininha recém-nascida nos braços. Disse-lhe com bondade: “Quem se arrepende de seu pecado e o confessa recebe o perdão.” E lhe entregou as três crianças, soltou sua língua e lhe deu felicidade para a vida inteira.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-afilhada-de-nossa-senhora>